

São numerosas as sugestões para escrever uma biografia de Adolpho Bloch, com quem convivi parte de sua e de minha vida. Um homem polêmico, imprevisível, montanha russa literal, que subia e descia vertiginosamente as ladeiras do humor, do amor e da raiva. Mistura de judeu, eslavo e malandro carioca de Aldeia Campista, era impossível manter um diálogo com ele por mais de uma hora. Começava falando como judeu, de repente se transformava no malandro carioca, cheio de bossas. Quando esquentava neste papel e a gente pensava estar diante de um igual, ele já era outro, o eslavo cheio de truques, saído de um daqueles contos de Tchecov ou Gogol.

Felizmente, Adolpho encontrou não exatamente um biógrafo, mas um pesquisador de seus altos e baixos, de suas grandezas e misérias – misérias aqui entendidas como folclóricas, próprias de uma personalidade labiríntica, inexplicável e muitas vezes fascinante. Adolpho fez amigos e inimigos, só não conseguiu fazer indiferentes.

Dispondo de um equipamento acadêmico, com brilhante carreira no jornalismo e na universidade, Felipe Pena pesquisou a personalidade blochiana, evitando conclusões, nem era esse o objeto principal de seu estudo. Mas de tal forma sentiu-se atraído pelo seu personagem em suas fases de sol e lua, que nos dá uma sinopse detalhada de um personagem que, mais cedo ou mais tarde, merecerá uma biografia que ficará como testemunho indispensável a quem quiser conhecer o Brasil na segunda metade do século 20.

Carlos Heitor Cony